Laura Bellini



Não Me Venha com Bom Senso

Ele conhece os riscos. Ela não pretende abrir mão dos seus sonhos.

Não Me Venha com Bom Senso

Ele conhece os riscos. Ela não pretende abrir mão dos seus sonhos.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902165

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O peso das coisas impossíveis 12
Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos 23
Capítulo 3 - Onde termina o chão firme 35
Capítulo 4 - As coisas que não entram no planejamento 47
Capítulo 5 - O direito de dizer não 60
Capítulo 6 - A distância de um beijo 72
Capítulo 7 - Entre o desejo e a confiança 84
Capítulo 8 - O mundo além da estrutura 95
Capítulo 9 - O teste que muda tudo 107
Capítulo 10 - Quando deixamos de fingir 119
Capítulo 11 - A intimidade tem suas regras 131
Capítulo 12 - O preço do silêncio 142
Capítulo 13 - O limite do compromisso 153
Capítulo 14 - A verdade que você ainda não consegue contar 165
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou 176
Capítulo 16 - Uma distância que não se pode medir 189
Capítulo 17 - Aquilo que escolho por mim mesma 202
Capítulo 18 - O teste da confiança 213
Capítulo 19 - Tudo o que realmente precisa resistir 226
Capítulo 20 - Respiração 237

INTRO

A primeira pedra caiu do penhasco às nove e dezessete da manhã, exatamente no momento em que decidi que não permitiria que ninguém reduzisse meu projeto.

Não era grande. Um fragmento do tamanho de um punho atingiu uma saliência rochosa a poucos metros de mim, quicou duas vezes e desapareceu entre os escombros claros. O som ecoou pela pedreira com uma nitidez desagradável. Fiquei imóvel, segurando um rolo de desenhos debaixo do braço, e observei o ponto de onde a pedra havia se desprendido. Tinha chovido no dia anterior. A umidade ainda escurecia as fendas da parede de granito, mas o céu sobre a Baixa Silésia já estava completamente limpo.

— Ótimo — murmurei. — Até a montanha resolveu dar sua opinião.

Afastei-me da linha demarcada pela fita amarela e olhei para o relógio. Faltavam treze minutos para a reunião com o representante da organização do evento. Eu tinha treze minutos para encontrar a luz adequada, posicionar as marcações provisórias e convencer a mim mesma de que seis meses de trabalho não terminariam em um acordo do qual eu sentiria vergonha.

Meu nome é Jagna Kurek. Eu tinha trinta anos, um ateliê de escultura em Wrocław e um talento especial para tomar decisões que minha mãe só chamava de corajosas quando desconhecia o preço delas.

Aquela instalação seria a obra mais importante que eu já havia criado.

Não porque fosse a maior, embora o projeto previsse uma estrutura de quase oito metros de altura. Nem porque, pela primeira vez, eu tivesse recebido um orçamento que me permitia contratar uma equipe profissional. Era algo mais difícil de explicar: eu queria fazer com que as pessoas que entrassem naquela pedreira abandonada enxergassem não apenas um lugar de onde pedras haviam sido extraídas durante décadas, mas também um espaço capaz de acolher algo delicado.

Provisoriamente, eu havia chamado a instalação de "Respiração".

Três braços curvos de aço sustentariam painéis semitransparentes, entre os quais o ar circularia. Vistos do ângulo certo, eles pareceriam uma fenda se abrindo na rocha. Aspereza e leveza. Peso e movimento. Algo que nenhuma fotografia conseguiria capturar por completo.

Tirei da bolsa uma pequena maquete envolvida em um tecido macio. Coloquei-a sobre uma pedra plana e me agachei para verificar as proporções em relação ao paredão.

— Aqui — falei baixinho. — Exatamente aqui.

— Se eu estivesse no seu lugar, me afastaria dois metros.

A voz masculina veio de trás de mim.

Eu detestava quando alguém me pegava de surpresa. Detestava ainda mais quando a primeira coisa que essa pessoa fazia era tentar me tirar do lugar.

Virei-me.

O homem parado na entrada do terraço inferior era alto, usava calças escuras de trabalho e uma camisa clara com as mangas dobradas. Trazia uma bolsa de documentos no ombro e segurava um capacete. Tinha a aparência de

alguém que não havia ido até ali para apreciar arte, mas para verificar se a arte, por acaso, não estava tentando matar algum dos participantes do evento.

Seus cabelos eram escuros, um pouco compridos demais para alguém que parecia tão apegado à ordem. Seu rosto não era particularmente severo. Era a maneira como observava tudo que lhe conferia seriedade: atenta, paciente, sem qualquer necessidade de causar uma boa impressão imediata.

— E, se eu estivesse no seu lugar, começaria com um bom-dia.

O canto de sua boca se contraiu discretamente.

— Bom dia. Dois metros para a esquerda.

— Você é sempre tão encantador assim?

— Só quando alguém está parado debaixo de uma rocha que acabou de se desprender.

Olhei novamente para o paredão. O homem apontou para uma fenda estreita que se estendia alguns metros acima de nossas cabeças. Eu não a havia percebido antes porque, do ponto onde estava, uma saliência da rocha bloqueava minha visão.

Contrariada, desloquei a maquete e a mim mesma.

— Satisfeito?

— Um pouco mais tranquilo.

— Não é a mesma coisa.

— Geralmente é difícil conseguir uma sem a outra.

Ele se aproximou, parando a uma distância educada. Só então percebi as pequenas cicatrizes em suas mãos e as marcas de grafite na lateral do dedo indicador. Não eram

mãos de um homem que apenas dava ordens. Fiquei surpresa ao descobrir que aquele detalhe melhorou imediatamente meu humor.

— Jagna Kurek — apresentei-me, estendendo a mão.

— Maksymilian Las.

Ele apertou minha mão com firmeza, mas brevemente. A dele estava quente; a minha, fria por causa do ar da manhã. Mantive os olhos em seu rosto por uma fração de segundo a mais do que a simples cortesia exigia.

— Engenheiro estrutural? — perguntei.

— Entre outras coisas.

— Parece suspeito.

— Projeto estruturas para exposições. Às vezes, salvo ideias cujos criadores se esqueceram de levar a gravidade em consideração.

— E às vezes arruína as ideias de pessoas que sabem perfeitamente o que é a gravidade?

Dessa vez, ele sorriu de verdade. A expressão transformou seu rosto mais do que eu estava disposta a admitir.

— Depende do quanto essas pessoas estão apegadas a elas.

— À gravidade?

— Às ideias.

Eu deveria ter rido. Em vez disso, senti uma curiosidade irritante.

Maksymilian se agachou diante da maquete, sem tocá-la sem permissão. Durante alguns instantes, examinou os braços curvos e as superfícies delicadas de material leitoso.

Seu olhar percorreu as junções, os pontos de sustentação e, finalmente, o espaço vazio no centro.

— Isso deve se mover? — perguntou.

— Respirar.

— Mecanicamente?

— Com o vento. Os painéis devem reagir à direção dele, mas a forma inteira precisa transmitir tranquilidade. Nada que lembre bandeirinhas tremulando numa festa popular.

— Entendo.

Ele disse aquilo sem o menor traço de condescendência. Justamente por isso, não gostei quando começou a examinar a base com mais atenção do que o restante.

— Nem pense em começar — avisei.

— Ainda não disse nada.

— Você está com cara de quem vai dizer "infelizmente" a qualquer momento.

Ele se endireitou.

— Nesse caso, vou começar com algo mais agradável. É uma ideia muito boa.

Aquilo me pegou de surpresa.

Por um instante, não encontrei uma resposta. Eu estava acostumada a elogios feitos a uma distância segura, ao entusiasmo de pessoas que não compreendiam quanto trabalho existia por trás da aparente simplicidade de uma forma. Ele havia dito aquilo de outro jeito. Como alguém que enxergara tanto o resultado quanto a dificuldade.

— Obrigada.

— Agora, gostaria de ver a documentação das fundações.

Suspirei.

— Eu sabia que o "infelizmente" estava vindo.

Ele não respondeu imediatamente. Olhou para o penhasco e depois para os pontos que eu havia marcado para a futura montagem.

— Não pretendo tirar seu projeto de você, Jagna.

— Todo mundo diz isso antes da primeira tentativa de diminuir seu tamanho.

— E você sempre presume que cautela significa falta de confiança?

A pergunta atingiu algo muito próximo de um assunto que eu não pretendia discutir com um desconhecido.

Guardei a maquete na bolsa. Devagar, com mais cuidado do que de costume, para não demonstrar o quanto ele havia me irritado.

Maksymilian não tentou preencher o silêncio. Em vez disso, tirou da pasta uma planta da pedreira. Na margem superior, vi três palavras acrescentadas à mão: "verificar carga dinâmica". Mais abaixo, havia uma data antiga, riscada com tanta força que o papel estava quase rasgado.

— O organizador me entregou seus desenhos — disse ele. — Mas não todos os cálculos.

— Porque nem todos estão prontos.

— Eu sei. É justamente por isso que estou aqui.

— Para me dizer o que não posso fazer?

Ele ergueu os olhos.

— Para descobrir o que precisamos fazer para que você possa.

Fiquei em silêncio.

O vento atravessou a pedreira, levantando uma poeira fina e movimentando as pontas dos meus cabelos. Maksymilian segurou instintivamente a planta aberta. Foi então que percebi que, por um instante, ele apertou o papel com mais força do que o necessário. Olhou na direção do paredão com uma expressão que não consegui decifrar.

Aquilo não era simples cautela.

Por um segundo, ele pareceu estar vendo algo que não estava diante de nós.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Não. Só precisamos escolher bem o lugar.

Ele respondeu depressa demais. Depois, baixou a planta e se afastou um pouco, deixando espaço para que eu examinasse as marcações.

Lá embaixo, ouviu-se o motor de um carro. O organizador havia chegado antes da hora. Eu sabia que, em poucos minutos, começaríamos a conversar sobre cronograma, custos e prazos. Era nisso que eu deveria estar pensando.

Em vez disso, observava o homem que, em apenas dez minutos, havia conseguido me irritar, despertar minha curiosidade e levar minha ideia mais a sério do que a maioria das pessoas durante os últimos seis meses.

— Senhor Maksymilian?

— Maks — corrigiu ele.

— Jagna.

— Eu sei.

Sorri sem querer.

— Não venha me trazer bom senso de presente, Maks.

Ele me observou atentamente.

— E se eu trouxer algo de que você realmente precisa?

Não respondi.

Porque, de repente, já não sabia o que me assustava mais: a possibilidade de ele tentar impedir meu sonho ou a de eu acabar querendo deixá-lo fazer parte dele de uma maneira muito mais íntima do que jamais havia permitido a qualquer outra pessoa.

Capítulo 1 - O peso das coisas impossíveis

O carro parou no estacionamento de cascalho, e o homem que saiu dele perdeu os óculos de sol quase imediatamente. Observei enquanto se abaixava para pegá-los, com o telefone pressionado contra a orelha, e já sabia que nossa reunião não começaria pontualmente.

Tomasz Wierzbicki, coordenador do evento artístico ao ar livre, tinha uma capacidade especial de parecer alguém que estava organizando três catástrofes ao mesmo tempo.

— Jagna! — chamou, encerrando a ligação. — Tenho uma boa notícia.

— Preferia ouvi-la sem essa expressão no seu rosto.

— Conseguimos todas as autorizações para o evento. Só faltam algumas questões técnicas.

Olhei para Maks. Ele estava ao lado da planta aberta, com o capacete debaixo do braço. Seu rosto não revelava nada além de uma atenção educada.

— Questões técnicas — repeti. — Como é agradável quando alguma coisa parece tão inofensiva.

Tomasz não entrou na brincadeira. Conduziu-nos ao escritório improvisado no antigo prédio administrativo da pedreira. Lá dentro, havia cheiro de reboco úmido e café de máquina. Sobre uma mesa de metal estavam espalhados cronogramas, mapas do terreno e uma impressão do meu projeto.

Durante seis meses, eu havia contemplado aquele desenho quase todos os dias. Conhecia cada curva. Cada

ponto em que o aço deveria parecer mais leve do que realmente era. Quando vi que alguém havia acrescentado marcações vermelhas, senti como se tivesse encontrado correções feitas por um estranho na minha própria pele.

— Quem fez isso?

Maks se aproximou da mesa.

— Eu.

— Sem conversar comigo?

— É uma análise preliminar, não uma alteração do projeto.

O desenho mostrava as conexões inferiores dos braços, as direções previstas das cargas e dois pontos assinalados com interrogações.

— Esses pontos de interrogação são especialmente encorajadores — comentei.

— Prefiro encontrá-los no papel a ter surpresas durante a montagem.

Tomasz pigarreou.

— Foi justamente por isso que pedi a colaboração de Maks. Ele tem experiência com grandes instalações e estruturas para exposições. Jagna, seu conceito será mantido. Só precisamos garantir que seja possível executá-lo.

— Ou seja?

Maks abriu outra folha.

— Quero realizar uma análise das cargas dinâmicas, examinar o solo nos pontos de ancoragem e fazer um teste com uma parte da estrutura antes de encomendar os elementos definitivos.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Se recebermos todos os dados, aproximadamente dez dias úteis.

Soltei uma risada curta.

— Não temos dez dias.

— Faltam seis semanas para a inauguração — observou Tomasz.

— E quatro para terminar a montagem. O aço precisa ser encomendado agora.

Maks colocou o dedo sobre um dos braços curvos.

— Se o encomendarmos com essas dimensões e os testes indicarem que precisamos alterar os apoios, perderemos ainda mais tempo.

— E se os testes não revelarem nenhum problema?

— Então teremos provas de que o projeto pode ser executado com segurança.

— Você sempre precisa de provas para acreditar em alguma coisa?

Ele olhou para mim.

— Nas pessoas, nem sempre. Nas estruturas, sim.

Não havia agressividade em sua resposta. Era justamente isso que me irritava. Se ele levantasse a voz, seria mais fácil tratá-lo como adversário. Em vez disso, falava com calma e objetividade, como se minhas emoções fossem compreensíveis, mas incapazes de modificar as leis da física.

Tomasz puxou uma cadeira.

— Escutem. Não podemos adiar a inauguração. Os parceiros do evento já assinaram contratos, a divulgação está programada e a chegada dos convidados foi

organizada. Se a instalação não passar pela inspeção final, não poderemos abri-la ao público.

Lancei-lhe um olhar severo.

— Isso é uma ameaça?

— É uma informação que não posso esconder de você.

Ele tinha razão. Isso não tornava suas palavras mais agradáveis.

Aquele era o primeiro projeto em anos que eu não precisava financiar com minhas próprias economias. Depois de três exposições coletivas, dezenas de propostas rejeitadas e meses trabalhando em encomendas que nada tinham a ver com minhas ambições, finalmente havia recebido a oportunidade de criar algo verdadeiramente meu. Não queria outro compromisso que resultasse em uma obra bonita nas imagens de apresentação, mas que já não tivesse quase nada a ver com minha ideia original.

— Mostre exatamente o que você está propondo — pedi a Maks.

Ele deslizou uma folha na minha direção.

Propunha reforçar a base, modificar a distribuição das ancoragens e limitar a amplitude do movimento dos dois painéis externos. Eu estava disposta a considerar as duas primeiras soluções. A terceira atingia o coração do conceito.

— Não — respondi.

— Ainda não terminei.

— Terminou, sim. Se limitarmos o movimento, toda a instalação perderá o sentido.

— Vamos limitá-lo apenas durante as rajadas mais fortes.

— Justamente quando ele deveria ser mais visível.

Maks refletiu por alguns instantes sobre minhas palavras.

— Mostre-me.

— O quê?

— Por que essa amplitude é indispensável.

Em vez de responder, tirei meu caderno de esboços da bolsa. Em várias páginas havia desenhos que eu fizera durante visitas anteriores à pedreira. Espalhei-os ao lado da planta técnica e apontei para a parte em que as três superfícies deveriam, por um instante, alinhar-se perfeitamente.

— Desse ponto, o visitante não verá três elementos. Verá uma única fenda. Depois, o vento vai abri-la e revelar a rocha atrás da estrutura. Esse movimento é o conteúdo da obra. Não é um enfeite.

Maks se inclinou sobre as folhas. Estava perto o suficiente para que eu percebesse um aroma discreto de madeira e sabonete, completamente deslocado naquele ambiente empoeirado. Sua manga roçou a borda do meu caderno, mas ele não tentou tomar os desenhos das minhas mãos.

— Agora entendo — disse.

— Antes não entendia?

— Entendia a forma. Não sabia o que deveria acontecer entre suas partes.

A sinceridade daquela resposta me surpreendeu.

Tomasz recebeu outra ligação e saiu. Ficamos sozinhos diante da mesa, debruçados sobre um projeto que, para mim, representava uma promessa e, para Maks, aparentemente era um conjunto de perguntas à espera de respostas.

— Podemos utilizar outro sistema de amortecimento — disse ele depois de algum tempo. — Um que só comece a atuar quando determinada carga for ultrapassada.

— Então não precisamos modificar o conceito?

— Talvez não. Mas preciso verificar.

— Você precisa verificar tudo?

— Nem tudo.

Levantei os olhos. Ele me observava de uma maneira que eu não conseguia encaixar em uma conversa profissional. Não havia insistência em seu olhar. Era mais uma curiosidade acompanhada de certa cautela, como se tivesse acabado de descobrir que algo inesperado poderia despertar seu interesse.

— Por exemplo? — perguntei.

— Por exemplo, já sei que não vou convencê-la com o argumento de que existe uma solução mais simples.

— Homem inteligente.

— Mas posso tentar encontrar uma solução igualmente boa.

Sorri.

— Isso soa muito melhor.

Durante a meia hora seguinte, examinamos outros desenhos. Maks fazia perguntas que, inicialmente, eu interpretava como tentativas de contestar cada decisão minha. Só depois percebi que ele não questionava meus conhecimentos. Perguntava sobre coisas que, como escultora, eu não precisava expressar por meio de cálculos: deformações previstas, variações no movimento dos

painéis, comportamento dos materiais em temperaturas próximas de zero.

Quando uma resposta dependia de um experimento, ele não fingia conhecê-la.

E quando apontei um erro em sua suposição sobre a espessura de um painel, ele o corrigiu imediatamente.

Aquele pequeno gesto me impressionou mais do que todos os elogios anteriores.

— Você admite seus erros? — perguntei.

— Geralmente antes que alguém tenha tempo de usá-los contra mim.

— Então deve ser um adversário particularmente inconveniente.

— Eu não estava planejando me tornar um.

Não respondi. Por um instante, tive muita vontade de acreditar nele.

À tarde, voltamos ao terraço inferior da pedreira. Tomasz foi se encontrar com a equipe responsável pela infraestrutura do evento, enquanto nós deveríamos demarcar a área dos testes. O sol havia se deslocado para trás da borda do penhasco. A pedra perdera seu brilho matinal e adquirira uma tonalidade fria, quase azulada.

Maks desenrolou a trena. Segurei a outra extremidade junto ao ponto marcado e observei enquanto ele conferia a distância.

— Trinta centímetros para a direita — instruiu.

— Por favor.

Ele ergueu a cabeça.

— Por favor.

Desloquei-me.

— Viu só? Trabalhar em equipe pode ser agradável.

— Ainda não tentei convencê-la a deslocar a instalação inteira.

Fiquei imóvel.

— Como é?

Ele apontou para uma parte do terraço mais afastada da parede rochosa.

— O terreno ali pode ser mais uniforme. Se os testes confirmarem, teremos condições melhores para as ancoragens e uma distância maior da área sujeita à queda de pedras.

— Mas perderemos a perspectiva.

— Podemos recalculá-la.

— Perspectiva não se calcula, Maks. Perspectiva se enxerga.

Ele largou a trena.

— Então me mostre novamente. Do ponto de onde o visitante deverá olhar.

Fui na frente. Paramos junto à antiga estrada usada para transportar as pedras. Apontei para uma passagem estreita entre duas paredes, onde, em determinado horário, a luz incidia sobre as camadas de rocha de tal maneira que elas pareciam quase transparentes.

— Aqui, a pessoa precisa sentir que tudo é maior do que ela — expliquei. — Mas não deve sentir medo. Precisa enxergar um espaço que não tenta esmagá-la.

Maks contemplou a paisagem por bastante tempo.

— E se eu encontrar uma maneira de preservar essa vista e, ao mesmo tempo, afastar a estrutura do perigo?

— Então começarei a suspeitar que você é realmente bom no que faz.

— Uma perspectiva assustadora.

Ri. Dessa vez, sem nenhum esforço.

Quando voltávamos, meu celular vibrou. Uma mensagem da proprietária do ateliê me lembrava do aluguel atrasado do mês anterior. Escondi a tela antes que Maks pudesse ver qualquer coisa.

Ele percebeu, porém, a mudança no meu humor.

— Notícias ruins?

— As de sempre.

— Às vezes, essas são as piores.

Ele não insistiu. Fiquei grata por isso, embora não pretendesse demonstrar.

Antes de chegarmos aos carros, Maks parou e tirou um bloco de anotações.

— Tenho uma condição — disse.

É claro que tinha.

— Estou ouvindo.

— Nenhuma peça da estrutura será encomendada ou fabricada em sua versão definitiva até concordarmos com os parâmetros de segurança. Nada de atalhos. Nem mesmo sob a pressão do prazo.

— E minha condição é que você não altere a forma sem minha aprovação. Mesmo que sua versão seja mais fácil de executar.

— Combinado.

Respondeu tão rapidamente que o encarei com desconfiança.

— É sério?

— Muito sério. Se precisarmos modificar o projeto, faremos isso juntos.

Ele estendeu a mão.

Dessa vez, o aperto durou um pouco mais. Não porque algum de nós tentasse prolongá-lo. Simplesmente porque, durante um breve instante, nenhum dos dois tinha motivos para se apressar.

— Mais uma coisa — acrescentei, antes que ele se afastasse. — Não quero que você me trate como uma artista que precisa ser protegida da própria imaginação.

Sua expressão ficou séria.

— E eu não quero ser o homem contratado apenas para assinar embaixo dos riscos assumidos por outra pessoa.

Durante alguns instantes, permanecemos nos olhando em silêncio.

Foi a primeira vez que senti que, por trás de sua tranquilidade, havia algo mais do que um hábito profissional.

— Justo — respondi.

— Justo — repetiu.

Ele caminhou até seu carro. Observei enquanto colocava a pasta no banco de trás e, em seguida, apoiava as mãos sobre o teto por alguns instantes, abaixando a cabeça.

Não parecia um homem satisfeito depois de uma reunião comum.

Quando se virou em minha direção, endireitou-se imediatamente. Ergueu dois dedos em um breve gesto de despedida.

Retribuí.

Somente no caminho para a pousada percebi que, durante toda a tarde, não havia pensado nele uma única vez como um obstáculo.

Aquilo deveria me tranquilizar.

Em vez disso, comecei a me perguntar se não havia cometido meu primeiro erro.

Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos

Na manhã seguinte, acordei com o cheiro de pão queimado e o som do celular.

Estava deitada no pequeno quarto da pousada onde me hospedava havia uma semana, durante os preparativos. Pela janela, via-se o jardim e, mais ao longe, as colinas. Uma luz pálida atravessava a cortina, enquanto minha jaqueta permanecia sobre a cadeira, ainda coberta pela poeira clara da pedreira.

Na tela, havia uma mensagem de Maks.

"Tenho uma proposta para o sistema de apoio. Não altera a forma. Você pode vir às nove?"

Olhei para o relógio. Eram sete e vinte.

Respondi: "Posso. Desde que você não esteja tentando me subornar com bom senso".

A resposta chegou quase imediatamente.

"Com café?"

Sorri para o telefone.

"Esse já é um argumento mais convincente".

Deixei o aparelho de lado e fiquei alguns instantes olhando para o teto.

Eu não deveria estar tão feliz por receber uma mensagem de um homem que conhecera no dia anterior. Principalmente porque sabia muito pouco sobre ele. Tinha trinta e seis anos, trabalhava com estruturas para exposições, sabia admitir

quando estava errado e aparentemente considerava a segurança uma responsabilidade pessoal.

Não sabia se tinha família. Não sabia onde morava. Nem sequer sabia se sua educação era uma característica de personalidade ou uma habilidade profissional desenvolvida para sobreviver a reuniões com artistas teimosos.

Ainda assim, queria ouvir sua voz.

No banheiro, prendi os cabelos em um coque desajeitado e depois os soltei novamente. Observei meu reflexo por alguns segundos, irritada com meu próprio comportamento.

— É uma reunião de trabalho — declarei à imagem no espelho.

Meu reflexo não pareceu muito convencido.

Cheguei à pedreira alguns minutos antes das nove. Maks me esperava junto ao carro, segurando dois copos de papel. Vestia um suéter escuro e calças de trabalho, e seus cabelos ainda estavam ligeiramente úmidos. Quando me viu, ergueu um dos copos.

— Puro ou com leite?

— Puro.

— Ótimo.

— Como você sabia?

— Não sabia. Comprei um de cada.

Entregou-me o café.

— E se eu quisesse com leite?

— Eu sobreviveria à decepção.

Aceitei o copo, tentando não sorrir demais.

— Uma atitude muito madura.

— Tenho trinta e seis anos. De vez em quando, consigo me comportar de acordo com a minha idade.

Seguimos em direção ao antigo prédio administrativo da pedreira, onde haviam preparado um espaço para trabalharmos. Lá dentro, havia um modelo digital aberto no computador e várias seções impressas. Maks sentou-se à minha frente, mas, antes de iniciar a apresentação, virou o notebook de maneira que eu pudesse enxergar a tela confortavelmente.

Aquele pequeno detalhe chamou minha atenção.

Ele não tomou conta do espaço. Não me colocou no papel de espectadora.

— Pensei em uma estrutura de apoio independente — explicou. — Escondida abaixo da parte visível da instalação. Ela permitiria transferir parte das cargas sem alterar o formato dos braços.

Uma visualização apareceu na tela.

Examinei-a cuidadosamente. A solução era elegante. A estrutura adicional praticamente desaparecia na sombra das rochas, enquanto os braços de aço permaneciam exatamente onde eu os havia projetado.

— Isso pode funcionar — admiti.

— Pode.

— Você não consegue simplesmente dizer alguma coisa sem fazer ressalvas?

— Consigo. Este café está bom.

Comecei a rir.

Durante a hora seguinte, analisamos as dimensões. Às vezes, nossa conversa parecia um duelo, mas eu começava